

AS MENINAS-ÓRFÃS INSTITUCIONALIZADAS

COTTA, Maria Amélia de Castro
GÓES, Maria Cecília Rafael de
UNICAMP – Campinas

O interesse deste trabalho está em explorar o brincar como esfera especialmente importante para a busca de compreensão de condições de desenvolvimento de crianças órfãs. Assumindo pressupostos da corrente histórico-cultural sobre o desenvolvimento infantil e sobre o brincar, realizamos a pesquisa numa instituição de caráter filantrópico e religioso, que funciona como abrigo para meninas-órfãs. O objetivo foi investigar os modos de brincar das crianças na faixa de 2 a 6 anos de idade e abrangeu dois ângulos de análise: a caracterização das condições a elas oferecidas para brincar, no cotidiano do abrigo, e a exploração de relações entre os temas de suas brincadeiras e suas experiências de vida como meninas órfãs-institucionalizadas. Os procedimentos do estudo de campo envolveram a utilização de vídeo-gravação das situações de brincadeira no abrigo e registros de diário de campo, que incluíram também anotações de conversas informais com residentes de diversas idades. Os dados principais foram construídos com base numa análise microgenética, que orienta a atenção para episódios, exigindo um olhar investigativo e minucioso das situações e daquilo que parece detalhe pouco visível, porém indicativo de aspectos relevantes para a busca da compreensão do processo de interesse. Os dados mostram que essas crianças brincam como muitas outras: de mãe-filha, de salão de beleza, de casamento etc. Ao mesmo tempo, em suas brincadeiras emergem peculiaridades que decorrem do entrelaçamento da situação de orfandade com a institucionalização: de um lado, a experiência de criança órfã mostra-se, de modo sutil, em momentos de jogo simbólico que indiciam, por exemplo, a expectativa da adoção ou de retorno à família; de outro lado, a institucionalização implica normas disciplinares que estabelecem possibilidades e limites para a realização de brincadeiras no cotidiano do abrigo e que afetam todas as residentes. Constatamos que muitas são as amarras presentes *para* o brincar e *no* brincar, o que acaba por empobrecer as relações sociais e, portanto, o desenvolvimento globalmente. Mesmo reconhecendo que a disciplinarização é uma prática sempre presente na vivência de qualquer tipo de infância, chama nossa atenção, no caso dessas meninas, o caráter coletivo, rígido e uniformizante das normas, que dizem respeito a cumprimento de horários, acesso a espaços, disponibilidade de objetos para brincar e cuidados pessoais. Todos esses aspectos repercutem no brincar das meninas de 2 a 6 anos, com efeitos que poderíamos qualificar como “despersonalizantes”, numa etapa crucial de desenvolvimento infantil. Os achados indicam que a brincadeira é permitida, por ser uma necessidade da criança, mas é uma atividade que ameaça a disciplina e, quando acontece, reflete essa disciplina. Neste relato pretendemos destacar ilustrações do conjunto de dados, em brincadeiras que tematizam a disciplina, a adoção, as condições de vida e as relações sociais destas (e entre) as crianças do abrigo.

Palavras Chaves: brincar, relações sociais, orfandade, institucionalização